

## UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A “ESCOLA DE PRINCESAS”

Arilane Florentino Félix de Azevêdo<sup>1</sup>; Tânia Augusto Pereira<sup>2</sup>

Mestrado de Formação de Professores - Universidade Estadual da Paraíba

[arilane\\_florentino@hotmail.com](mailto:arilane_florentino@hotmail.com); [taniauepb@yahoo.com.br](mailto:taniauepb@yahoo.com.br)

**Resumo:** Neste artigo, objetivamos investigar o discurso presente *no site* “Escola de Princesas” e quais os efeitos de sentido que esse discurso produz em nossa sociedade. Para isso, selecionamos como *corpus* de análise o *site* “Escola de Princesas”, principalmente os enunciados encontrados no menu “características”. Vivemos em uma sociedade onde o estereótipo de princesa ainda é tido como um ideal a ser seguido pelas meninas. Mesmo com a conquista de muitos direitos através de movimentos feministas, ainda encontramos um discurso que defende que a mulher ocupe o lugar de mãe e dona de casa. E, a princesa que embala os sonhos de muitas meninas, nada mais é do que uma mulher dotada de “prendas domésticas” que sabe se “comportar” em diversas ocasiões sociais e que sonha em ter um príncipe para viver feliz para sempre ao seu lado. Nosso embasamento teórico está ancorado no âmbito da Análise do Discurso Francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux (2008) e sua aproximação com os estudos de Michel Foucault (2014; 2015). Desconstruir o estereótipo de “princesa” como uma menina boa e obediente se torna a cada dia uma necessidade, já que a mulher do século XXI reivindica por melhores empregos e salários, quer ter direitos sobre o seu próprio corpo, denuncia os diversos tipos de violência que sofrem cotidianamente. Diante da análise feita, entendemos que o discurso propalado pela “Escola de Princesas” está na contramão de uma sociedade em que as mulheres resistem contra a docilização dos corpos e lutam pela emancipação e empoderamento feminino.

**Palavras-chave:** Escola de Princesas, Análise do Discurso, Empoderamento Feminino.

### Comentários iniciais

Vivemos em uma sociedade que ainda enxerga a mulher como esposa, mãe, dona de casa. Essa concepção ultrapassada sobre a mulher é reforçada por alguns discursos encontrados em algumas telenovelas, alguns filmes e nos “contos de fada”. Consideramos que o maior meio de divulgação desse pensamento é a escola. Ainda temos uma escola que, sutilmente, cristaliza na cabeça das meninas a ideia de fragilidade feminina e de um destino ligado ao ventre e aos afazeres domésticos. Encontramos nas instituições educacionais uma distinção entre meninos e meninas. Para os meninos, é enfatizada a liberdade, eles brincam do que quiserem. Para as meninas, as

---

<sup>1</sup> - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *campus* I, em Campina Grande, PB.

brincadeiras quase sempre são relacionadas ao lar, são ensinados bons modos ao se sentar e falar com voz baixa.

Em 2013, na cidade de Uberlândia-MG, foi fundada a Escola de Princesas. Diante da criação dessa escola, objetivamos investigar: a) o discurso presente na *home page* “Escola de Princesas”; b) quais os efeitos de sentido produzido por esse *site* na sociedade.

Ultrapassar os muros do que está escrito e analisar os discursos a partir de fatos sócio-históricos faz com que nos inquietemos diante dos discursos apresentados na mídia e em qualquer outro espaço, e é com essa inquietação em mente que buscamos fazer uma análise da “Escola de Princesas”, através da sua *home page*.

Teoricamente, este trabalho está ancorado no âmbito da Análise do Discurso francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux (2008), e sua aproximação com os estudos de Michel Foucault (2014; 2015). Nossa análise será feita a partir de reflexões de algumas noções discursivas, tais como, discurso, sujeito discursivo, memória discursiva, formação discursiva e formação ideológica.

### **Algumas noções discursivas**

No campo da AD, o **discurso** é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso, agimos sobre o mundo, marcamos uma posição, ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo de interação.

O discurso é uma rede de enunciados ou de relações que tornam possível haver significantes e não pode ser concebido fora do sujeito e nem este fora da ideologia, uma vez que esta o constitui. A palavra discurso tem em si a ideia de percurso, de movimento (ORLANDI, 2002).

Foucault (2000) define discurso como um conjunto de enunciados regulados numa mesma formação discursiva (FD). Segundo ele, “é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições da função enunciativa” (FOUCAULT, 2000, p. 97). Para o filósofo, é na dispersão e não na unidade que se constitui um discurso. O sentido sempre pode ser outro e o sujeito, (com suas intenções e objetivos) não tem o controle daquilo que está dizendo. Desse modo, podemos dizer que um sujeito não produz só um discurso, mas vários.

O discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos. E a linguagem como interação é um modo de produção social, que não é neutra nem natural, sendo o local privilegiado da manifestação da ideologia, isto é, das formações ideológicas (FI) que estão diretamente ligadas aos sujeitos.

Do ponto de vista de Santos (2003, p. 209), o discurso é entendido “como um efeito de sentidos dentro da relação entre linguagem e ideologia”. Ou seja, o discurso é produzido por um sujeito que se utiliza da linguagem para expor sua ideologia. Ampliando a noção de discurso, Fernandes (2007, p. 18) afirma que discurso “implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüísticas”. O discurso refere-se a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas .

Como já foi dito anteriormente, o discurso é a linguagem impregnada de ideologia. Para Brandão (2000, p. 46), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias”. Ou seja, é no discurso que vamos encontrar materializada a ideologia

Na visão da AD, o **sujeito** é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz um sujeito *cindido*, *clivado*, descentrado, que não se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela FD na qual o sujeito falante está inscrito. Contudo, esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso.

O sujeito não é o ser real, o indivíduo, o sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, carregado de marcas sociais, históricas e ideológicas, que se imagina como fonte de sentido. Ao tecer considerações sobre a noção de sujeito, Brandão afirma que

Na perspectiva da análise do discurso, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, imanente; o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem (BRANDÃO, 2000, p. 110).

Para a AD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Com isso, ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados.

Michel Pêcheux (2008), fundador da AD, formula sua teoria a respeito do sujeito discursivo sob a égide da Psicanálise e do Marxismo. Segundo autor, o sujeito é constituído em um processo de interpelação, a partir de uma determinação histórica da qual ele faz parte.

Falar do sujeito a partir de uma concepção foucaultiana é entender a necessidade de multiplicação desse sujeito, pois nessa concepção o sujeito não é uma pessoa em si, mas a posição que essa pessoa ocupa e assume diante de certo discurso. Sendo assim, para Foucault, o sujeito “é uma posição que pode ser ocupada por qualquer indivíduo, de modo alternado” (FOUCAULT, 2009, p.107 *apud* SANTOS, 2003, p. 223).

De fato, o que define o sujeito é o lugar de onde fala. Não importa quem fala, mas o que é dito de algum lugar. (FOUCAULT, 2000). Esse lugar é um espaço de representação social (ex: médico, pai, professor, motorista etc.), que é uma unidade abstrata, pois, na prática, é atravessada pela dispersão.

Foucault, quando pensa o sujeito discursivo, sempre o faz em relação ao poder, objetivando explicitar a constituição do sujeito, pelos discursos, na trama da história. O poder coloca em jogo relações entre sujeitos. Nas palavras do filósofo francês, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2000, p. 9). Os mecanismos de interdição dos discursos atuam no interior das relações de poder por onde a produção de verdade é percebida numa conjuntura histórica específica.

Não podemos pensar na existência de sociedades livres dos efeitos e das ramificações das relações de poder, considerando que os discursos e a produção de verdade fazem funcionar tais relações. Somos o resultado de inúmeros processos de objetivação que ocorrem nas redes de poderes e suas articulações, que nos capturam, nos repartem e nos classificam: constituímos-nos enquanto sujeito na produção imediata dessas relações de poder.

Por ser um campo teórico que trabalha com a produção de efeitos de sentidos, realizada por sujeitos sociais, inseridos na história e que utilizam a materialidade do discurso, a AD possibilita-nos analisar os sentidos que perpassam os enunciados, pondo-os em articulação com a história e a memória. Os sentidos realizam um trajeto histórico e se inserem em uma rede de memória com outros discursos que circulam na sociedade.

Na perspectiva foucaultiana, a noção de enunciado é considerada como unidade de análise em sua irrupção histórica como acontecimento, insere-se em uma rede de outros enunciados, em um contexto atualidade e memória, estabelecendo relações tensas com outros enunciados, por não ter seu sentido evidente.

Courtine (2009) propõe que é pela análise dos enunciados que podemos entender os acontecimentos discursivos que estabelecem e cristalizam certos sentidos em nossa cultura. Por

acontecimento, compreendemos a emergência de enunciados em sua singularidade de acontecimento e em sua irrupção histórica de modo inter-relacionado, produzindo determinados efeitos de sentido.

Quando pensada em relação ao discurso, a memória tem suas características e, nessa perspectiva, ela é considerada como interdiscurso. Este, segundo Orlandi (2002), é definido como

aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2002, p. 31).

Para Santos (2003), a **memória discursiva** se refere ao interdiscurso articulado às FI, às falas vindas de outros. Segundo o autor, essa memória é

um conjunto de dizeres já expressos que dão base a todo dizer e em que os sujeitos não estão conscientes dessa determinação externa e, assim, não são fontes de significados, mas resultados desses significados, efeitos produzidos pela ideologia, pelo inconsciente e pela materialidade (SANTOS, 2003, p. 219-220).

A memória discursiva é construída a partir do imaginário social, ou seja, de um já-dito. Por exemplo, ao dizermos a palavra *madrasta*, temos em nosso imaginário coletivo que foi construído a partir das leituras de contos de fada, a imagem de uma pessoa má. Então, mesmo sem percebermos, ao pronunciarmos a palavra *madrasta*, já configuramos em nossa mente a imagem de uma pessoa desagradável.

A noção de **formação discursiva (FD)** é estabelecida, segundo Foucault (*apud* ARAÚJO, 2007), como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc.

Segundo Orlandi (2006, p. 17), “chamamos então formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito”.

Sobre **formação ideológica (FI)**, Haroche *et al* (*apud* BRANDÃO, 2000) apresentam a seguinte reflexão:

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma

força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (HAROCHE *et al*, 1971, p. 102 *apud* BRANDÃO, 2000, p.47)

Ou seja, FI seria a ideologia em si, na qual o sujeito está inserido. Michel Foucault, em “Arqueologia do saber”, procura teorizar sobre a história das ciências, e na busca por essa teorização apresenta a noção de FD. É importante deixar claro que o ponto de partida de Foucault (*apud* ARAÚJO, 2007) não se dá na história das ciências, ele acredita que esta nasce em um campo mais amplo do que o da história, a ciência nasce das condições formadas a partir do saber de uma época (ARAÚJO, 2007). As princesas estão inseridas em uma FD que entendem as mulheres como mães e donas de casa, que devem ser frágeis e obedientes.

## A Escola de Princesas

**Figura 1 – Home Page da Escola de Princesas**



**Fonte:** <http://escoladeprincesas.net/ws/#a-escola>

A *home page* “Escola de Princesas” é apresentada ao leitor virtual com uma diagramação na cor rosa. A chamada inicial é: “A escola de princesas – todo sonho de uma menina é tornar-se uma princesa”. Com esse enunciado, o *site* busca trazer no imaginário popular as concepções que são construídas em torno do que é ser princesa. Ideias essas que foram construídas através dos contos de fada lidos para as crianças ou assistidos na TV, em que toda princesa é linda, vive em um castelo e, mesmo passando por contratemplos, no final, casa-se com um lindo príncipe.

Para compreender essa noção de construção de um imaginário social, podemos trazer o conceito de memória discursiva, vista como condição do funcionamento discursivo. A memória

discursiva é um espaço em que os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. “Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidade que intervêm na sua construção” (FERNANDES, 2007, p. 65).

Consideramos que as palavras estão mergulhadas em uma carga ideológica, histórica e social. Esse primeiro enunciado é bastante apelativo, pois na sociedade, os estereótipos de beleza e elegância assumem um lugar privilegiado. Qual menina não gostaria de ser uma princesa?

### **Características de uma princesa: a docilização do corpo feminino**

**Figura 2 - Características de uma princesa**



**Fonte:** <http://escoladeprincesas.net/ws/#caracteristicas>

Como o corpo sofre a ação de relações de poder? Como produzimos efeitos sobre o corpo, empregando relações de poder que tornam determinadas técnicas e estratégias mecanismos eficientes para isso? Foucault (2014) interpretou o corpo como uma superfície para o exercício de relações de poder, um “caminho” para a subjetivação. Na visão de Foucault (2014; 2015), o controle social se dá pelo controle da sexualidade e do corpo nas sociedades modernas. Através de poderes disciplinares são criados ‘corpos dóceis’, isto é, todos os corpos são transformados em eficazes e proveitosos dentro do social. Para isso, os sujeitos precisam internalizar os mecanismos de disciplina corporal, fazendo com que o controle externo se torne desnecessário, sendo substituído pelo autocontrole contínuo e diário.

Era uma vez... Assim se inicia a maioria dos contos de fada. Mas, cabe a pergunta: contos de fada para quem? Para toda e qualquer menina ou para a menina branca, de olhos azuis, pertencente a uma classe social abastada, como a que está apresentada no *site* (Figura 2)? Nos contos de fada tradicionais só essas meninas se identificavam com esse tipo de princesa, a menina negra e pobre de

uma comunidade carente não se enxergava ali, no meio de toda aquela fantasia. A Escola de Princesas, na contramão de um processo de desconstrução desses estereótipos de princesa, vem resgatar os valores pertencentes a uma sociedade que já não existe mais.

No menu “características” são apresentadas seis características de como se tornar uma princesa. Essas “virtudes” vão desde a “identidade de princesa”, passando por “relacionamentos de princesa”, “etiqueta de princesa”, “estética de princesa”, “castelo de princesa”, até chegar a “de princesa a rainha”. Pelos próprios enunciados já se pode notar a disciplina que cada um desses “módulos de ensino” vão ofertar para as jovens princesas. E em cada uma dessas fases, o corpo é visto como algo que precisa ser moldado para se encaixar no perfil de uma princesa.

Essa manipulação do corpo como objeto e alvo de poder está relacionada ao que Foucault afirma: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2014, p. 118). A descoberta em torno do corpo proporcionou às instituições de poder docilizar os corpos e assujeitar os indivíduos a um discurso dominante sem que percebessem tal sujeição.

Na característica “Identidade de princesa”, as meninas devem aprender os conceitos de vida de princesa, o caráter da princesa, auto-estima, equilíbrio, sonho (destino) de uma princesa. Como se pode observar, a Escola de Princesas propõe que essas meninas vivam em um verdadeiro sonho. Pois, se formos resgatar o que é ser uma princesa a partir dos contos de fada, vamos encontrar uma menina de pele branca, macia, magra, sem nenhuma “imperfeição física”, que passa por alguns contratempos, mas ao final encontra um príncipe, branco, de pele macia, rico, que, na maioria das histórias, salva sua princesa e com um beijo selam seu amor eterno e vivem felizes para sempre.

A segunda característica de uma princesa apresentada pelo site está ligada aos “Relacionamentos de princesa”. Nesse módulo, elas aprenderão o conceito de relacionamento, os tipos e níveis de relacionamento, valores e princípios, união, semear e colher. Diante das modalidades ofertadas nessa característica, fica claro o destino dessas princesas: casar e ter filhos. Isso fica evidente nos enunciados “união” e “semear e colher”. A sociedade atual apresenta uma diversidade de perspectivas para as mulheres. Hoje, as mulheres estão no mercado de trabalho, competindo com os homens, lutando por melhores salários. Ser mãe, para uma grande quantidade de mulheres, deixou de ser um sonho a realizar e as que ainda pensam em ter filhos, adiam essa vontade e só buscam a maternidade quando já tem uma vida estável financeiramente. Indo de encontro a essa realidade social, a Escola de Princesas educa as meninas para um único destino: ser mãe.

Na característica “Etiqueta de princesa”, as meninas devem aprender boas maneiras e postura corporal, etiqueta social, etiqueta à mesa, organização pessoal. Sobre esse acontecimento, Foucault (2014, p. 134) afirma: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. A Escola de Princesas pensou nos mínimos detalhes para docilizar os corpos dessas meninas. Sobre a docilização dos corpos, Foucault (2014, p.135) também comenta que “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. Lendo todas as modalidades presentes na característica “etiqueta de princesa” fica clara a intenção de disciplinar, os corpos das meninas, tornando-os “corpos dóceis”.

Na característica “Estética de princesa”, é proposto que as meninas aprendam conceitos de estética, higiene pessoal, beleza (cabelo e maquiagem, roupas e acessórios). Mais uma vez, fica evidente a necessidade de moldar os corpos das meninas para uma sociedade que só está interessada em ver corpos belos.

Na quinta característica, “O castelo de princesa”, as meninas irão aprender questões relacionadas à limpeza, organização e funcionamento do ambiente, educação financeira, prendas domésticas (corte e costura, culinária básica, lavanderia). Nesse item, fica claro o destino que a Escola de Princesas oferta a essas garotas, o de ser uma dona de casa, pois a própria *home page* diz que é essencial ter domínio desses afazeres, seja para cumprí-los ou para governar.

A última característica, “De princesa a rainha”, é a culminância de toda formação imposta. As modalidades presentes nessa característica são: restaurando os valores e os princípios morais do matrimônio à espera do príncipe (como se guardar), ser a passageira ou a eterna? A Escola de Princesas se propõe a disciplinar até os relacionamentos amorosos dessas meninas.

Até o final do século XVIII, três códigos (o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil) regiam as práticas sexuais. Esses códigos buscavam disciplinar, principalmente, as relações amorosas e sexuais de cônjuges. Foucault esclarece como era esse disciplinamento:

Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos que era solicitado (períodos de gravidez e da amamentação, tempos proibidos da Quaresma ou das abstinências), sua freqüência ou raridade: era tudo isso que estava saturado de prescrições (FOUCAULT, 2015, p. 41).

Quando lemos o enunciado “restaurando os valores e os princípios morais do matrimônio”, será baseado nesses princípios que a Escola de Princesas vai educar essas meninas? Indo mais uma vez na contramão de uma sociedade que fala da liberdade sexual da mulher.

A visão foucaultiana de que o poder se encontra nas relações sociais, sob a forma de relações de força, pressupõe a resistência a todo exercício de poder. É nesse estudioso que encontramos, ainda, a ideia de que o aparecimento dos saberes e das ciências modernas é permeado pelas relações de poder porque o sujeito resulta das relações de poder. Saber e poder implicam-se mutuamente. Não há relação de poder sem constituição do saber. Todo saber constitui novas relações de poder.

### **Comentários finais**

A concepção de princesa vem sendo modificada em nossa sociedade. Os estúdios Disney criaram um novo perfil de princesa que se aproxima mais da realidade e dos padrões femininos existentes em nossa sociedade. Podemos ver a destemida princesa Merida, do filme “Valente” que, com seu arco e flecha, quer ter as mesmas oportunidades que os homens. Temos também a princesa Fiona, do filme “Sherk”, que é uma Ogra, quebrando assim com todo e qualquer esteriótipo de beleza. A princesa Tiana, do filme “A princesa e o Sapo”, que é uma princesa negra, quebrando com o ciclo de princesas brancas. Enfim, esses e tantos outros exemplos da mudança de concepção de princesa, que vêm sendo construídos nessa última década.

Sendo assim, nos questionamos: será que esse discurso presente na “Escola de Princesas” cabe em nossa sociedade? Acreditamos que não. Romper com esses esteriótipos e esse discurso, que só vê como destino para a mulher o de ser mãe e dona de casa, é um debate que devemos inserir dentro das escolas. Modelos como esses, ofertados pela Escola de Princesas, já não condizem com a atualidade. Trabalhar o empoderamento feminino, como estão fazendo a Jornalista Mariana Desimone e a Pedagoga Larissa Gandolfo, que trouxeram para São Paulo o curso de “desaprincesamento”, que se iniciou no Chile, fruto de uma necessidade social advinda do aumento de casos de abuso sexual nesse país, se torna urgente. Assim como o Chile, o Brasil é um país com altos índices de violência contra a mulher e o empoderamento feminino é um passo para reduzir esses índices.

## Referências

- ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 89-103.
- BRANDÃO, Helena. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2000.
- COURTINE, J. J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** 1. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 12 ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- ORLANDI, Eni P. Análise do Discurso. In:\_\_\_\_\_.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.) **Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 13-28.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- SANTOS, Sonia S. B. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano A. (Org.) **Estudos do Discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2003, p. 209-233.